



Existe. Nada Contra¹

Davi TÁPIAS²
Ramon ALCÂNTARA³
Yuri CASTRO⁴

UVV - Centro Universitário Vila Velha, Vila Velha, ES

RESUMO

Consolidados, de fato, como gênero a partir dos anos 20, os documentários são caracterizam-se pela ambivalência de discursos, uma vez que são pertinentes tanto ao público de TV, quanto ao de cinema. A possibilidade de usar o chamado “efeito do real” – ou partir dele – para elaborar um registro do social se faz cabível quando a proposta é estudar os discursos acerca de preconceito, representação e segregação no balneário da Praia da Costa, em Vila Velha no Espírito Santo. Em “*Existe. Nada Contra*”, banhistas frequentadores do local discutem, por meio de depoimentos, sobre os diferentes grupos que também fazem uso da praia e avaliam suas condutas e papéis. Expor-se-á, então, como os indivíduos, por meio de suas visões endógenas, evidenciam seus preconceitos cada vez mais à medida que tentam abrandá-los e justificar soluções para a problemática levantada.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; jornalismo; representação social; preconceito; praia;

INTRODUÇÃO

“Existe. Nada Contra” é um documentário criado por Davi Tápías Macedo, Felipe Mansur Valinho, Michely Melotti Ferreira, Ramon Coutinho de Alcântara e Yuri de Castro Santana Mattos baseado na concepção original deste último. Desde o início da montagem, ou seja, apuração de dados, visita aos locais, entre outros, os membros participaram como produtores, câmeras e também como entrevistadores em vários pontos do local escolhido. O nome do documentário originou-se da fala presente em dois depoimentos e expressam o paradoxo do tema abordado; afinal, acontece algo aos entrevistados quando os temas relacionados a preconceito e discriminação são mencionados? Se sim, como é a reação de cada um? Ou mesmo, será que todos enxergam alguma prática de separação ou ela já se tornou invisível de tão praticada?

Ao ponderar sobre as relações estabelecidas entre cinema e televisão, Brian Winston posiciona-se de maneira descrente uma vez que, para o pesquisador, o compromisso idealizado com a imparcialidade do jornalista vai de encontro à tarefa do documentarista de

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria II Jornalismo, modalidade n: Documentário em vídeo.

² Estudante do 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UVV – Centro Universitário Vila Velha, email: tapias@gmail.com.

³ Estudante do 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UVV – Centro Universitário Vila Velha, email: ramoncout@gmail.com.

⁴ Aluno líder do grupo e estudante do 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UVV – Centro Universitário Vila Velha, email: yuricstro@gmail.com

atribuir ao seu produto “tratamento criativo”⁵. Acredita-se, todavia, que o diálogo entre a televisão e o cinema seja nicho de um produto crítico que desfruta das técnicas narrativas de ambas as tecnologias para enriquecer e diversificar a maneira com a qual se tratará a informação. Embebido em um mundo onde tecnologias se mesclam, fazer uso destes discursos torna-se cada vez mais pertinente.

Isto posto, considera-se que o presente documentário irá fazer uso dessas tecnologias para tratar das relações sociais estabelecidas entre os frequentadores do balneário da Praia da Costa, em Vila Velha no Espírito Santo. Devido à convivência local dos alunos, percebeu-se como, de maneira gradual, o espaço do balneário se tornava cada vez mais loteado e demarcado quanto aos costumes, hábitos, trajes, físicos e classes de quem vinha para desfrutar do local. Como se evidenciou via pesquisa de observação, estes processos de separação foram se consolidando à medida em que as delimitações de espaço foram se intensificando e se tornando populares entre os frequentadores do local. A partir daí, foi criada uma série de subespaços advindos de um único espaço-*mater* (em sua teoria, público), cuja frequência “inapropriada” quanto ao tipo de público se tornou coercitiva.

É exatamente desta coerção que o documentário irá tratar. No audiovisual, o público fala de como se percebe que existe uma divisão clara quanto aos dias, espaços e até horários para certos tipos de banhistas virem à praia e tentam justificar este preconceito. Entretanto, o que se notará é que as visões de preconceito serão, em sua maioria, exógenas ao mesmo tempo em que as justificativas serão coincidentes entre os diferentes grupos. Para a produção, levou-se em consideração a pesquisa de Venturi e Paulino (1995) cujos resultados constataram que 10% dos brasileiros admitem serem preconceituosos, enquanto quase 90% dos entrevistados reconhecem que a sociedade brasileira é preconceituosa. Logo, o documentário lançará um olhar experimental que vai de encontro à existência do mito da democracia racial causado pela notoriedade da miscigenação cultural do país.

2 OBJETIVO

O presente documentário pretende lançar um olhar sobre a sociedade e oferecer, desta maneira, um panorama sobre o preconceito, a segregação social e os olhares do homem sobre o outro que nos tornarão cientes de suas asserções de mundo. Pretende-se entreter, porém, não usufruindo inteiramente da narrativa ficcional para fazê-lo. O documentário busca provar o defendido de que é possível transitar entre o entretenimento e a informação,

⁵ WINSTON, Brian. **A maldição do 'jornalístico' na era digital**. In: MOURÃO, Maria Dora e LABAKI, Amir. *O cinema do real*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 24



entre o cinema e a televisão e criar, assim, um produto que fomente um público crítico com argumentos e dados, convidando-o a voltar essa criticidade para as questões a serem discutidas no filme.

A intenção documental do autor/cineasta, ou da produção do filme, é indexada através de mecanismos sociais diversos, direcionando a recepção. Em termos tautológicos, poderíamos dizer que o documentário pode ser definido pela intenção de seu autor em fazer um documentário, na medida em que essa intenção cabe em nosso entendimento do que ela se propõe. Ao recebermos a narrativa que estabelece *asserções, postulados*, sobre o mundo, dentro de um contexto completamente distinto daquele no qual interpretamos os enunciados de uma narrativa ficcional. (RAMOS, 2008, p.27).

O início do projeto de documentário deu-se a partir do requerimento para aprovação da disciplina de Laboratório de Telejornalismo, no Centro Universitário Vila Velha, quando incitados à desenvolver um produto telejornalístico cujo gênero ficaria a critério do grupo. Foi escolhido o documentarismo, com a proposta certa de lidar com as características-chave do gênero como a objetividade e o realismo. Isto, somado ao ineditismo quanto à discussão de preconceito no balneário da Praia da Costa, contribuiu para o interesse na produção do audiovisual. Uma desvalorização do gênero – alimentada também pelo desconhecimento da importância no meio midiático universitário capixaba, como pudemos testemunhar – despertou interesse em se aprofundar e despertar algumas questões próximas de nós de maneira diferente da produção pasteurizada tão comum. Dessa maneira, “*Existe. Nada Contra*” irá contribuir diretamente para a discussão sobre o preconceito característico da sociedade pós-moderna – como defendido por teóricos - onde existe o reconhecimento da prática discriminatória como um todo, mas não partindo do individual. O documentário irá expor como os discursos acerca de preconceito são similares vindos de públicos diferentes que disputam por um espaço em comum. Serão desveladas tendências em mascarar, deixar sutil e *deslocar* a “culpa” pelo sinistro exposto no filme. Assim como nos estudos feitos sobre racismo e preconceito por Pettigrew e Meertens em 1995, o audiovisual irá mostrar que o estranhamento vai partir da não-compreensão de práticas e costumes alheios priorizando a visão endógena de mundo como preferencial⁶. Para os teóricos supracitados, o preconceito atual consiste na “negação de emoções positivas em relação ao grupo alvo do preconceito e, principalmente, pela acentuação das diferenças culturais expressa na percepção de que os membros dos outros grupos não aderem aos valores do trabalho”⁷.

⁶PETTIGREW, T. F.; MEERTENS, R. W. *Subtle and blatant prejudice in Western Europe. European journal of social psychology*, Muenster, Germany n. 25, pp. 57-75. 1995

⁷ *Ibidem*, p.55 - 75



Pretende-se então, neste sentido, capturar os depoimentos que tentarão verbalizar discursos justificadores do preconceito e localizá-los em um contexto social.

3 JUSTIFICATIVA

Em um contexto midiático, a validade do gênero documentário como produto informativo capaz de apontar questões para discussão sobre a sociedade nos dias de hoje já se provou incontestável. Em um apanhado histórico, nota-se a necessidade de registrar a sucessão de eventos de maneira que construam um memorial histórico de uma determinada sociedade. A procura pelo realismo nesses registros se dá no mundo ocidental desde o Renascimento. Como aponta Miriam de Souza Rossini (2006), alguns artistas da época focavam-se principalmente na busca pelo máximo de realismo possível “a fim de produzir quadros e esculturas com o máximo de verossimilhança, e que, por isso, mesmo pudessem servir como registro de eventos considerados importantes ou banais”⁸. Como historiadora, Rossini recorrerá às artes clássicas embasando-se em pintores e demais artistas para justificar a técnica do uso do real em um registro do social. Aqui o que se propõe é que o registro seja feito a partir do efeito do real, ou seja, a idéia que se tem e que será criada a partir de uma representação do real. Isto está presente no gênero documentário o tempo todo. Em “*Existe. Nada Contra*”, a própria produção (assim como suas técnicas) partem de um discurso proveniente do real. Além disso, o efeito mencionado é potencializado uma vez que a narrativa em si seja construída a partir dos depoimentos dos banhistas em forma de recorte.

Adiante, torna-se ainda mais pertinente a produção do audiovisual quando se utilizam as representações sociais para analisar uma faceta da sociedade. Embasando-se em Malrieu, Lane (1898, p.35) afirma que as representações iram se construir no processo comunicacional “onde o sujeito põe à prova, através de suas ações, o valor do posicionamento dos que se comunicam com ele, objetivando e selecionando e coordenando-o em função de uma procura de personalização”⁹. Ou seja, no documentário, se analisarão constantemente os conjuntos de visões e asserções de mundo, as superestruturas específicas de uma sociedade assim como seu conjunto de ideologias. A questão crítica levantada pelo documentário diz respeito ao choque de representações que ocorre nos espaços públicos,

⁸ ROSSINI, Miriam de Souza. **O gênero documentário no cinema e na TV**. In: DUARTE, Elisabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de. (Orgs.) *Televisão: entre o mercado e a academia*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006. p. 237

⁹ LANE, Silvia T.M.; CODO, Wanderley. (Orgs.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2007.



resultantes dos diferentes olhares que os grupos lançaram uns sobre os outros com o intuito de se localizar e representar. Dessa maneira, poderão ser observadas como se estabelecem os estereótipos e as relações de poder no balneário.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O documentário vale-se de elementos que foram organizados de modo a distinguirem e convergirem entre si, tendo, ao final do processo, montagem que dê a impressão de um argumento único e organizado. Dessa forma, a narrativa segue decorrente de si própria, a partir dos depoimentos coletados durante as filmagens do projeto. Além disso, os depoimentos foram compostos a partir de indagações feitas por toda a equipe que teve respaldos em constantes idas ao balneário e observações sobre como decorria toda a problemática. Os depoimentos foram gravados com câmeras modelo PV-GS35 da Panasonic sem o auxílio de microfones ou booms. Tal escolha nos permitiu maior liberdade com os entrevistados, pré-requisito indispensável para que um tema que vai de encontro à verborragia necessária dos entrevistados. Dessa forma, houve o estabelecimento de uma relação de sinceridade tanto de quem recolhia os depoimentos quanto de quem o revelava. Anteriormente a esta escolha, tínhamos cogitado a utilização de microfones ou booms, alternativa que se revelou constrangedora para a maioria dos entrevistados. Gravados os depoimentos, a edição foi feita por meio de *softwares* de edição como o Adobe Premiere PRO CS3 e o Final Cut Pro 6 em computadores Mac que possibilitaram um manejo eficiente das trilhas de áudio e de uma compreensão mais fácil do processo de montagem e organização dos depoimentos. Tanto *softwares* quanto as máquinas utilizadas nesse processo foram viabilizadas pela coordenação do curso de Comunicação Social do Centro Universitário Vila Velha (UVV) com a colaboração de técnicos e também de outros professores da instituição. Também incluída no projeto final, a trilha sonora também foi gravada em um estúdio disponibilizada pela coordenação do curso.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O produto consiste em um documentário que visa ampliar a discussão sobre um processo que ocorre no balneário da Praia da Costa, ponto turístico do Estado do Espírito Santo. O documentário foi gravado durante os meses de setembro e outubro e conta com depoimentos de banhistas que expõem o modo como cada reconhecido grupo de freqüentadores age em relação a outros grupos também freqüentadores da praia. A partir do argumento, cria-se um embate consecutivo de opiniões repercutidas pelos depoimentos dos



banhistas. Se ora o problema é ignorado em alguma fala, alguém repercute uma opinião contrária estando ao lado da mesma pessoa que afirmou a não existência do fato, levando à tona a amostra de como o assunto é controverso e participa com as pessoas durante todo o processo de gravação. Isto é traduzido diretamente por meio do título do audiovisual. “Existe. Nada Contra”, por se tratar de extratos diretos de depoimentos coletados, evidencia como é nítida a tendência de camuflar atitudes preconceituosas no que diz respeito, neste contexto específico, a linguagem. Assim como no estudo de Cavalleiro em 1998 onde se comprovou que em certas famílias usava-se o termo 'moreno' para se referir a características etnoraciais negando características fenotípicas, eufemismos também serão facilmente percebidos no filme por meio de termos como “pessoas de bairros” ou “pessoal de Domingo”. Perceber eufemismos em discursos como estes ou em gestos se demonstra pertinente quando se afirma que não existem gestos neutros. Todo gesto deixa vestígios e estes marcam o mundo, mesmo que deles não tenhamos consciência (LÉVINAS, 1997). Ou seja, por este prisma idiossincrático, revela-se muito, dizendo pouco. É exatamente nisto que o documentário se fundamentará.

6 CONSIDERAÇÕES

Se considerarmos como indica Ramos as fronteiras presentes no campo do documentário, constataremos que, para o telespectador, o produto já chega classificado ao espectador de acordo com a vontade do autor (RAMOS, 2008). Desse modo, “Existe. Nada Contra” é um documentário não-ficcional com depoimentos que apontam para uma reflexão sobre como agem em relação aos outros os frequentadores de um balneário público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALLEIRO, E. S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

LANE, Silvia T.M.; CODO, Wanderley. (Orgs.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LÉVINAS, E. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

PEREIRA, C. TORRES, A. R. ALMEIDA, S.T. **Um Estudo do Preconceito na Perspectiva das Representações Sociais: Análise da Influência de um Discurso Justificador da Discriminação no Preconceito Racial**. Goiás, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16801.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2008.



PETTIGREW, T. F.; MEERTENS, R. W. **Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European journal of social psychology***, Muenster, Germany n. 25, pp. 57-75. 1995

RAMOS, Fernão. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?**. São Paulo: Senac, 2008.

ROSSINI, Miriam de Souza. O gênero documentário no cinema e na TV. In: DUARTE, Elisabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de. (Orgs.) **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

TAJFEL, Henry. **Grupos humanos e categorias sociais**. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

WINSTON, Brian. A maldição do 'jornalístico' na era digital. In: MOURÃO, Maria Dora e LABAKI, Amir. **O cinema do real**. São Paulo: Cosac Naify, 2005